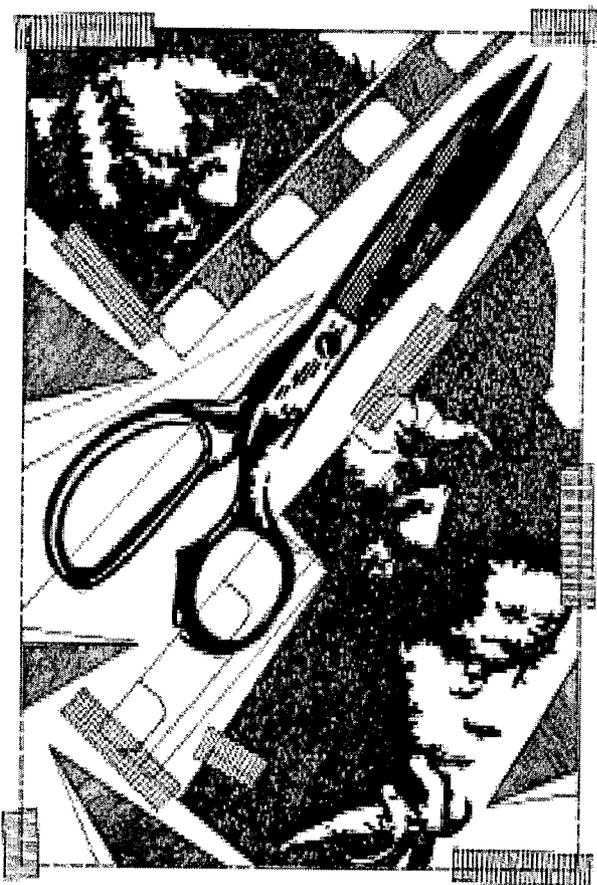




História e fotografia: uma pedagogia do olhar



*Luís Reznick**

*Márcia de Almeida Gonçalves***

Resumo

Nesse texto, analisamos, de forma sintética, alguns dos usos pedagógicos da fotografia como instrumento de sensibilização do olhar e, por conseguinte, de produção de saberes históricos. Pretendemos também, sob o eixo das relações entre imagens e políticas da memória, refletir sobre lógicas de pertencimento e processos de construção de identidades no recorte da história local.

Essa reflexão é produto das atividades de pesquisa, ensino e extensão que desenvolvemos sobre a história de São Gonçalo, no Laboratório de Pesquisa Histórica, vinculado ao Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Formação de Professores da UERJ.

Palavras-chave: fotografia; história local; São Gonçalo; ensino de História.

História e fotografia: uma pedagogia do olhar¹

A fotografia há muito figura entre os materiais iconográficos que, sob a marca de registros documentais, vem sendo crescentemente utilizada pelos historiadores de ofício. Neste texto, analisamos, de forma sintética, alguns dos usos pedagógicos da fotografia como instrumento de sensibilização do olhar e, por conseguinte, de produção de saberes históricos. Pretende-se também, sob o eixo das relações entre imagens e políticas da memória, refletir sobre lógicas de pertencimento e processos de construção de identidades no recorte da história local.

cimento e processos de construção de identidades no recorte da história local.

A reflexão que ora se apresenta é produto das atividades que desenvolvemos no Laboratório

* Professor Adjunto do Departamento de Ciências Humanas da FFP/ UERJ. Professor do Departamento de História da PUC/ RJ. E-mail: lreznick@uol.com.br

** Professora Assistente do Departamento de História do IFCH/ UERJ e do Departamento de Ciências Humanas da FFP/ UERJ. Professora do Departamento de História da PUC/RJ. Doutoranda na área de História Social do IFLCH/USP.

rio de Pesquisa Histórica, vinculado ao Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Há cerca de cinco anos iniciamos estudos sobre a história de São Gonçalo, município sede desta unidade universitária. Desde esta época, trabalhando com alunos estagiários e professores do DCH e do Departamento de Educação, elaboramos alguns produtos que imaginamos úteis para a comunidade acadêmica – *Guia de fontes para a história de São Gonçalo* – e para a sociedade em geral – curso de extensão *Contando histórias de São Gonçalo: um diálogo entre a Universidade e os mestres-escolas* – para os professores das redes públicas estadual e municipal.

No ano de 2000, decidimos criar uma linha específica de análise e levantamento documental centrada nos registros iconográficos, com destaque para a fotografia. Dessa iniciativa derivou-se a montagem de uma exposição intitulada *Imagens de São Gonçalo: fotografia e história*. Inaugurada em novembro, por cerca de dois meses *Imagens de São Gonçalo* esteve aberta à visitação pública em dependências da Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Utilizando os recursos de plotagem, agrupamos, em 23 cartazes, 88 fotografias, distribuídas em sete módulos temáticos: “festas e comemorações”, “ruas e bairros”, “educação”, “trabalhadores”, “política”, “ícones”, “panorâmica”. Por intermédio de reminiscências fotográficas dos anos 20 aos dias atuais, nossa intenção foi sensibilizar, em especial, os moradores daquele que é o terceiro município mais populoso do Estado do Rio de Janeiro, com quase um milhão de habitantes. Nas palavras registradas no texto de abertura da exposição:

Épocas distintas são aqui retratadas. Registram tempos idos que se modificaram pela ação de homens e mulheres, nativos e adotados. As fotografias ilustram para o público aquilo que a sociedade gonçalense quis perenizar de si mesma, edificando imagens que nos abrem veredas de um passado atualizado pelas percepções do tempo presente. (Gonçalves et al., 2000b, p. 1)²

Assistimos sensibilizados aos depoimentos emocionados de “jovens” e “velhos”, diante dos painéis, acerca do que era, do que se vivenciou, do que não é mais, das recorrências, permanên-

cias e diferenças. Essa emoção – agora, a nossa! –, nos forneceu as pistas daquilo que já vínhamos esboçando há meses: a perspectiva de itinerarmos com aquelas imagens, tão queridas e significativas para aquele grupo. Estabelecemos uma parceria com a Secretaria Municipal de Educação de São Gonçalo que propiciou a permanência da exposição em cinco “escolas-pólo” do município, por cerca de duas semanas em cada local, durante o ano de 2001.

Tal esforço enquadra-se na perspectiva maior de expandir os usos possíveis de uma exposição fotográfica composta basicamente de imagens locais. A história do século XX foi muitas vezes “escrita” pela fotografia. A popularização da mesma e a invenção do cinema sobrecarregaram de símbolos tudo aquilo que nossos olhos pudessem perceber. Essa hegemonia do ver, tão distinta da sonoridade narrativa do medievo europeu, impregnou o ato de olhar de uma variedade de tarefas e afazeres, em particular aquelas entrelaçadas aos exercícios da memória. Nesse tom, muitas vezes o visto transmutou-se no vivido, ou em esmaecidos testemunhos dos materiais imagéticos da memória.

Nesse turbilhão, onde cada vez mais a percepção do vivido, das experiências históricas individuais e coletivas se confunde com o que vemos, é que avaliamos e identificamos a importância de construir uma pedagogia do olhar em diálogo com uma prática inerente ao ofício do historiador, qual seja, a crítica documental.

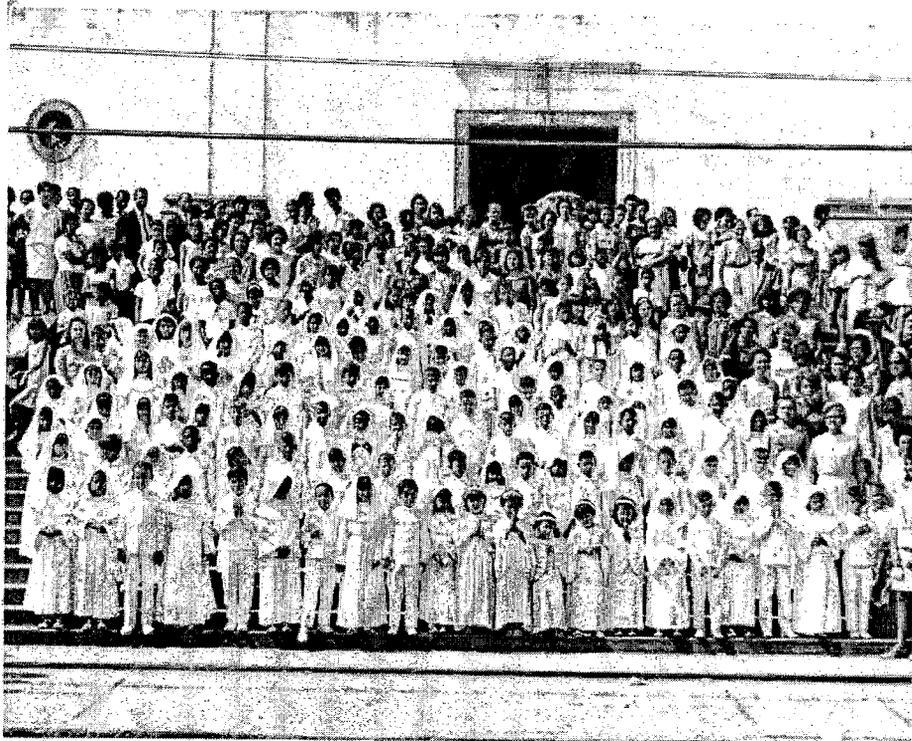
O nosso desafio tornou-se, então, a tentativa de traduzir para os alunos das mais variadas séries das escolas municipais a proposta da exposição. Sejamos um pouco mais claros. Queremos proporcionar aos professores e profissionais das escolas, instrumentos de trabalho que possibilitem a exploração desse manancial de vestígios que são as fotografias de outros tempos. O trabalho que se segue apresenta perspectivas para responder às seguintes questões: como sistematizar, em um trabalho pedagógico, as leituras das fotografias, de modo a ultrapassar a curiosidade e o encantamento derivado de um primeiro olhar? Como construir metodologias relacionadas aos objetivos do processo de ensino-aprendizagem em História?

Resolvemos, portanto, discutir e problematizar o conjunto de imagens a partir de

quatro conceitos norteadores de uma pedagogia em História: tempo, espaço, memória e identidade. O que iremos apresentar a seguir são os eixos norteadores desse “guia” teórico-metodológico, por meio da análise de algumas das fotografias.

Tempo

Observemos a foto de abertura do módulo *Festas e comemorações*: “Primeira Comunhão de alunos do Grupo Escolar Luiz Palmier na Igreja Matriz”



Primeira Comunhão de alunos do Grupo Escolar Luiz Palmier na Igreja Matriz. 8/12/1958. Ribamar. Acervo MEMOR.

As festas, como comemorações, sejam elas religiosas, cívicas ou profanas, adquirem tantos sentidos quantos possam vir a ser criados pela repetição de rituais ou pela demarcação do início do novo. (Gonçalves et al., 2000b, p. 3)³

O ritual da Primeira Comunhão pertence ao universo de grande parte dos alunos da região – a população gonçalense, como a brasileira, compõe-se majoritariamente de católicos. A imagem, assim sendo, pode parecer muito comum, muito atual àquele grupo. O “ontem” se emaranha com o “hoje”, com o “atual”, por meio das permanências de símbolos, rituais e significados. Dessa forma, à pergunta sobre quando aquela Primeira Comunhão teria sido realizada, as respostas são, *a priori*, insondáveis. Pelo caráter do acontecimento, levando-se em conta o vestuário, a forma do grupamento, enfim, o ritual em si, muitos podem entendê-lo como “atual”, característico do tempo presente.

Semelhante apreensão pode ser verificada quanto às fotografias de carnaval nos anos 50, ou às das festas da primavera da década de 60, ou aos desfiles cívicos⁴. São eventos que se repetem até os dias atuais. Constituem-se *festas cíclicas*, cuja temporalidade é variável. O carnaval, a festa da primavera e os desfiles cívicos são marcados pelo calendário anual. Todos vivemos esses acontecimentos repetidamente. Já a Primeira Comunhão possibilita uma percepção ambígua em relação ao tempo. É um acontecimento único, do ponto de vista individual, considerando-se toda a preparação da criança, entre as lições do catecismo e a solenidade, constituindo-se, no mais das vezes, em um marco simbólico periodizador de suas vidas. Entretanto, do ponto de vista da comunidade ali envolvida, o ritual atualiza a integração de novos elementos e a perpetuação do grupo; desse ponto de vista, a Primeira Comunhão é uma festa cíclica, repetitiva.

O “eterno retorno” não é, necessariamente, uma percepção de permanências. Os sentidos que se imprimem às festas se atualizam, assim como seus formatos. Logo, é válido inserir, junto aos alunos, uma abordagem sobre as diferenças de como os nossos pais e avós brincavam o carnaval ou realizavam suas primeiras comunhões. Mesmo na aparente repetição dos rituais e das festas, existe uma especificidade que remete às marcas de outro tempo, de outras experiências, marcas daquelas pequenas diferenças presentes no vestuário, na postura, nos cortes de cabelo, em uma composição de signos que afirmam o caráter ímpar e também complementar entre as festas de hoje e as de ontem.

Bastante distinto é o sentido que extraímos da fotografia que expressa o “Lançamento da pedra fundamental da Casa da Criança”, na década de 50. Este, com certeza, é um fenômeno único, inaugurador, “demarcador do início do novo”. Por isso mesmo, o efeito poderá ser o da distância, de um tempo passado, que não retorna. Ou por outro lado, um tempo cumulativo, eivado de realizações sucessivas que demarcam, e periodizam, o passado.

Trabalhando com o conjunto das fotografias do módulo (escondendo as legendas, que indicam a sua datação), poderemos questionar qual foto é mais antiga, de forma a propor uma seqüenciação – o que vem antes, o que vem depois. Ou, por outra, quanto tempo dura cada um desses fenômenos – quer isoladamente (quanto tempo dura “uma” cerimônia de Primeira Comunhão, ou “um” carnaval), quer como fenômeno presente na sociedade contemporânea (“o” carnaval, “os” rituais de Primeira Comunhão, “o” desfile de Sete de Setembro etc.). Esperamos respostas variadas, pois relacionam-se às subjetivas maneiras de perceber os fenômenos sociais, próprias da forma como cada aluno vivencia essas experiências.

Esse é um aprendizado fundamental: o tempo não é um dado absoluto, objetivo. Pelo contrário, é uma construção simbólica do homem para expressar uma relação entre acontecimentos, e, nesse sentido, constitui-se como um *conceito*. Nas palavras de Norbert Elias:

Em sua forma mais elementar, portanto, a operação de “determinação do tempo” equivale a decidir se tal ou qual transformação, recorrente ou não,

produz-se antes, depois ou simultaneamente a uma outra. Consiste, por exemplo, em avaliar o intervalo que separa uma série de transformações, graças a um padrão de medida socialmente reconhecido, como o intervalo entre duas colheitas ou entre uma lua nova e seguinte. (1998, p. 41)⁵

Como conceito que relaciona séries de acontecimentos, o tempo mede, compara e ordena experiências, alicerçando, com isso, uma percepção cognitiva do vivido e das imagens da memória. Nessa percepção, de seqüências e de durações, um raciocínio matemático vem a ser consubstanciado na criação de unidades e valores de medida. Já agora, é desejável perceber as datas que estão nas legendas e, enfim, fazer o mesmo exercício a partir desse padrão de referência: os anos e as décadas.

Espaço

Reafirmando a cidade como espaço das permanências e mudanças, as imagens permitem um passeio pelas ruas e bairros de São Gonçalo em várias épocas. Focalizam uma paisagem que se urbanizou, evidenciando as vias públicas, o transporte, o comércio, os locais de lazer, espaços de aglomerados humanos e da multidão. (Gonçalves et al., 2000b, p. 5)⁶

São Gonçalo abrange, hoje, uma área considerável da baixada da Baía da Guanabara. Era designada, na documentação dos tempos coloniais, *bandas d'além*. Tanto os governantes como os acadêmicos a consideravam, no século XX, “cidade-dormitório”. Nos dois atributos acima, o município de São Gonçalo é caracterizado a partir de um outro espaço geográfico, em uma relação de contraposição e/ou complementaridade com o município vizinho: a cidade do Rio de Janeiro, centro político, comercial, administrativo.

Nas fotografias das séries “Ruas e Bairros” e “Panorâmica”, sugerimos um deslocamento da questão anterior. Pretendemos olhar para dentro do município, perscrutando permanências e mudanças físicas e identitárias.

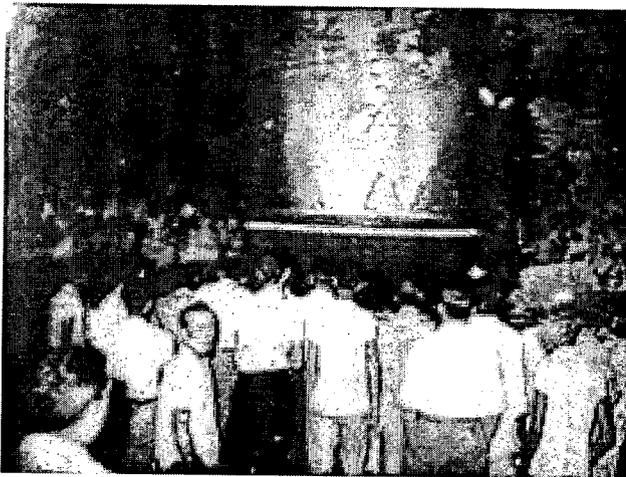
Por meio da primeira série, procuramos recortes das ambiências micro, de cada rua, com

seus pedestres, transportes, edificações, comércio, enfim da vida cotidiana local. Um simples exercício permite uma apreensão das transformações vivenciadas em um mesmo espaço físico. A justaposição das fotos da Praça Estephânia de Carvalho (início do século, 1961 e 1975) remete-nos à *prática arqueológica*, como se estivéssemos desvendando a estratigrafia daquele espaço. Vamos perseguindo as pistas do lugar, comparando o hoje com o ontem. Notamos a construção de novos significados para o mesmo espaço – como, por exemplo, passa a ser uma “praça”. Cabe aos alunos desvendarem os

significados possíveis, por meio da leitura das fotografias, acerca dos signos aparentes em cada imagem: como homens, mulheres e crianças retratadas viviam em outros tempos. Aqui também um exercício já experimentado a partir do item anterior: uma seqüência – o antes e o depois. Algumas diferenças essenciais produzem novos conhecimentos e a sistematização de novos conceitos. Entre tantas possibilidades, podemos apontar a área verde, demarcando um momento de um centro mais rural, ou as marcas das linhas de bonde, indicando transformações no setor de transportes urbanos.

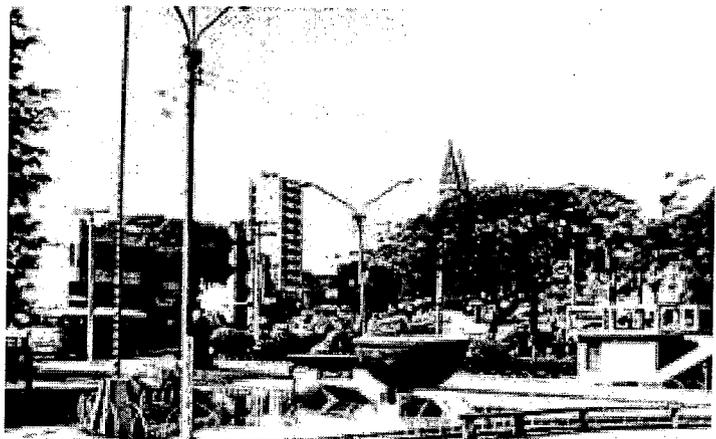


“Aspectos da Vila de São Gonçalo”. Atual Praça Estephânia de Carvalho. Início do século XX. Autor desconhecido. São Gonçalo. Cinquentenário.



Praça Estephânia de Carvalho. Inauguração de fonte sonora e luminosa. 1961. Autor desconhecido. Acervo MEMOR.

Praça Estephânia de Carvalho. 16/09/75. Pedro. Jornal O Fluminense.



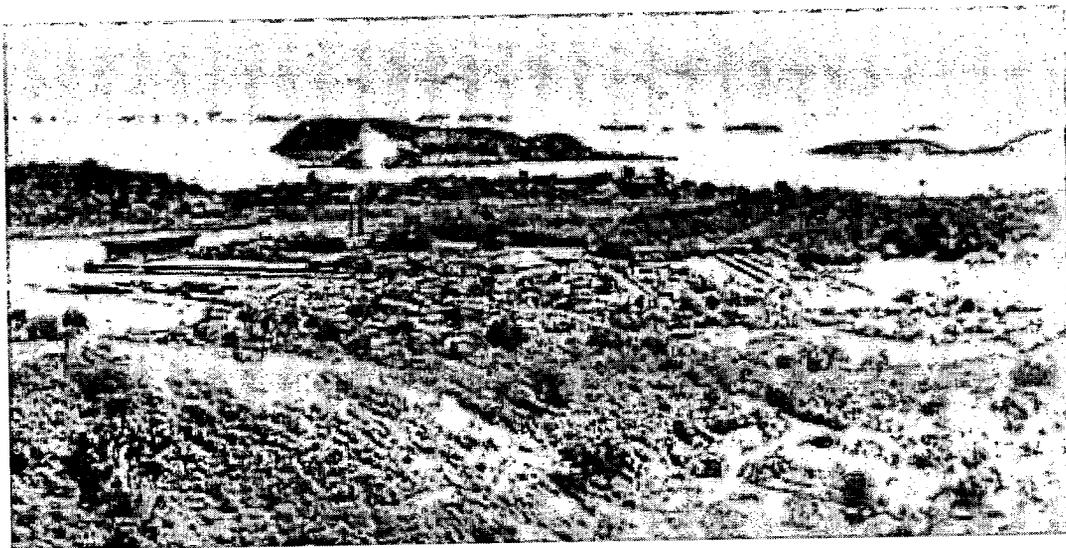
Nas inúmeras fotografias, as marcas de um outro tempo, no mesmo lugar: o comércio, outros automóveis, cinemas! (São Gonçalo chegou a ter 14 salas de cinema na década de 50; na década de 90 não restava nenhum). As imagens da série “Ruas e Bairros” pela pretensão de retratar espaços físicos onde homens, mulheres e crianças se locomovem, vivem, se relacionam, tornam-se, por excelência, materiais propícios à compreensão do espaço como algo socialmente construído, na interdependência com as ações individuais e coletivas que o configuram e o organizam.

Nesse sentido, a imagem fotográfica na dimensão da retratação do espaço físico pode ser apresentada ao aluno como construção dependente das escolhas e das limitações do fotógrafo, as quais impõem escalas de observação e de registro dos mundos nos quais vivemos.

Em especial as fotos panorâmicas, onde o enquadramento busca apreender no espaço fo-

tográfico a amplitude e a totalidade espacial de certas paisagens, pode-se verificar o quanto a eleição de uma escala de observação – mais microscópica, mais macroscópica – altera o efeito de conhecimento acerca do “mundo real”. Nesse ponto identificamos uma reflexão fundadora da sensibilização do olhar para a leitura e a análise de imagens fotográficas, a saber: a fotografia como “re-apresentação” do real, dependente nos seus objetivos e fins de uma escala de observação. Nesses termos, compreendemos que

o Porto de Neves, o bairro do Alcântara, o Jardim Catarina, o Zé Garoto, o Mutuá, Várzea das Moças, revelam cenários que se fixaram nas lembranças de diferentes gerações. Entre o rural e o urbano, os vazios e as aglomerações, as casas e os edifícios, os morros e o caos urbano, emergem as representações sobre a cidade. (Gonçalves et al., 2000b, p.15) ⁷



Porto de Neves. Década de 30. Autor desconhecido. São Gonçalo. Cinquentenário.

Memória e Identidade

A esta altura, talvez devamos perguntar a nossos alunos, e a nós mesmos, porque se registram (registraram) tantas fotografias. Lembremo-nos de que os procedimentos de registro fotográfico foram inventados em meados do século XIX. Na segunda metade do século seguinte, o barateamento do equipamento, dos filmes e da revelação, possibilitou a cada um de nós registrar e perenizar as imagens que desejássemos, no mais das vezes, festas, nascimentos, casamentos, viagens, as várias etapas

da vida dos filhos, dos cães e dos gatos. Todos esses acontecimentos são únicos e muito queridos. Fotografá-los expressa o nosso desejo de imortalizá-los, torná-los sempre presentes na nossa lembrança. São alguns poucos acontecimentos entre a infinitude do vivido. São aqueles momentos que monumentalizamos, transformando-os em objetos de contínuas lembranças, a cada vez que abrimos os álbuns de família.

Todo exercício fotográfico é um registro para a posteridade, uma tentativa de negar a morte.

Registramos para lembrar, já que tantos outros episódios serão esquecidos. Daí concluirmos pela importância do fotógrafo no registro fotográfico. Ele seleciona o que quer enquadrar do presente vivido. A “realidade”, tal como percebida pela

posteridade, é somente aquela enquadrada pelo fotógrafo.

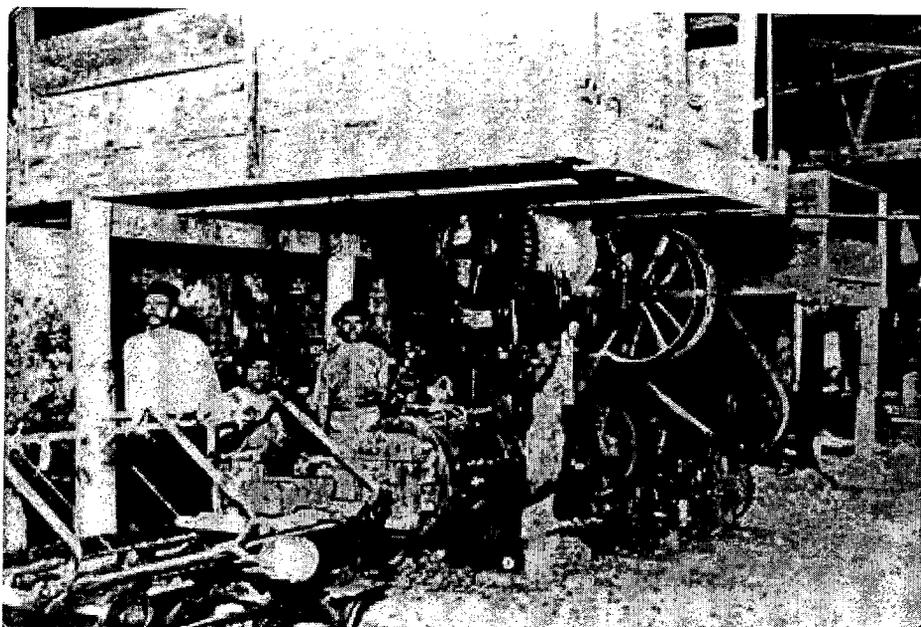
Tomemos, como exemplo, a foto da Professora Hermínia Vaz recebendo uma homenagem, em 1948.



Professora Hermínia Vaz recebendo homenagem. 1948. Autor desconhecido. Acervo MEMOR.

O fotógrafo, desconhecido, enquadrou somente a professora, estabelecendo a sua principalidade naquela homenagem, com um diploma na mão, símbolo da honra que acabara de

merecer. Se tomarmos a foto dos trabalhadores no fabrico de telhas da Olaria Porto do Rosa, que remonta ao início da década de 20, teremos efeito semelhante.



Trabalhadores no fabrico de telhas. Olaria Porto do Rosa, a mais antiga da região. Década de 20. Daniel Ribeiro. Centenário da Independência do Brasil. Álbum do Estado do Rio de Janeiro.

Produzida para integrar o *Álbum do Estado do Rio de Janeiro*, comemorativo do Centenário da Independência do Brasil, Daniel Ribeiro, o fotógrafo, pretendeu perenizar uma das principais atividades econômicas do município de São Gonçalo: o fabrico de telhas. Ao fazê-lo, focou a maquinaria e três operários fingindo trabalhar, em uma foto posada⁸. Cada uma das fotografias é passível de exercício semelhante: a subjetividade do autor do vestígio sendo questionada pelos seus leitores. Quão boas conversas não podem surgir da sugestão de imaginarmos o não fotografado, o entorno, ou as condições em que a foto veio a ser elaborada.

Não é somente o fotógrafo que seleciona as imagens desejadas. A nossa capacidade de recuperar todas as imagens por nós vivenciadas, registradas ou não, é limitada. Isto é, quando pegamos o álbum de família notamos, constantemente, que já esquecemos tantos episódios ali retratados. Se por um lado o álbum serve para “reavivar” a memória, por outro nos demonstra o quanto deixamos para trás elementos (acontecimentos, pessoas, objetos) que já foram tão relevantes para nós. Aprendemos que a memória se exercita seletivamente. De tempos em tempos, as nossas lembranças são variáveis, e as nossas opiniões ou digressões sobre os episódios de nossa própria vida se fazem distintos. A memória individual, nesse sentido, funciona tal qual a historiografia: está sempre sendo reescrita por novas lembranças, novos esquecimentos, novas ênfases.

Se a memória é seletiva tanto quanto a historiografia o é, se lembranças e esquecimentos não se excluem, mas se complementam nas relações de conhecimento com o vivido individualmente ou coletivamente, as redes de sociabilidades nas quais nos inserimos, como criadores e criaturas, igualmente interferem no jogo inconsciente do que deve ser lembrado e do que deve ser esquecido. Nas sociabilidades entre alunos e professores no espaço escolar, identificamos um campo fecundo de experimentação do que denominamos de políticas da memória. Na assunção do caráter lacunar e seletivo da memória, de seus materiais de registro – os documentos – e do próprio saber historiográfico, visualizamos a possibilidade de uma pedagogia, centrada na premissa de que o lugar de cada um como sujeito do seu existir depende dessa rela-

ção intrínseca com a memória, posto que no diálogo com lembranças e esquecimentos constituímos nossos sentidos identitários.

Nesse ponto, um último conceito norteador se apresenta: a identidade. Entendida genericamente como código de pertencimento e, nestes termos, circunscrita ao campo dos valores que nos permitem conjugar o verbo ser, nas dimensões variadas e múltiplas de nossas relações individuais e coletivas, nossas identidades acabam funcionando como um passaporte garantidor de estadias entre grupos sociais, etnias, nações, comunidades políticas e intelectuais.

O que julgamos importante no trato com esse conceito é a perspectiva de que toda e qualquer identidade, como código de pertencimento, depende da relação entre a experiência e o conhecimento derivado dela. Máxima gasta e por muitos repetida, ainda necessária: toda identidade é construída historicamente. A sedimentação de valores identitários, nesse sentido, depende de políticas da memória, por meio das quais o que é lembrado e o que é esquecido retroalimenta a preservação ou o deslocamento desses mesmos valores.

Em um mundo cada vez mais imagético, uma estética visual formata valores identitários. Ignorar isso no que tange ao ensino e à aprendizagem do saber histórico é admitir a cegueira como um lugar confortável de desligamento dos tempos presentes. Por outro lado, se a globalização apagou fronteiras, assim o fez no sentido de diagnosticá-las como pontos finais. As fronteiras entre indivíduos, grupos e nações permaneceram e sua positividade pode vir a ser constatada na premissa de que a fronteira se tornou um lugar de encontro onde se constitui a possibilidade de conhecer o outro. Somente nesses termos, e a ênfase é proposital, as relações entre memória e identidade podem ser problematizadas e pensadas por intermédio da história local.

Mais do que uma região que se delimita em oposição a outra, o local configura-se como espaço social circunscrito por uma escala de observação e de recorte de vivências coletivas. Sob essa perspectiva, a história local, na forma da comunidade de viventes da cidade de São Gonçalo, busca delimitar análises e reflexões acerca das identidades gonçalenses.

Nas imagens locais de São Gonçalo, o querer saber mais sobre as *bandas d'almém*, movimen-

to de descoberta do novo no velho, do igual no diferente, identificação de pertencimentos por intermédio dos materiais da memória, outras palavras, outras histórias.

Notas

¹ Versão ligeiramente modificada da comunicação apresentada no V Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História, realizado na Universidade Federal da Paraíba, em João Pessoa, entre 8 e 11 de outubro de 2001.

² *Imagens de São Gonçalo*. Rio de Janeiro: Decult/SR-3/UERJ, 2000, p. 1. Catálogo da Exposição. Curadoria: Haydée da Graça Figueiredo, Márcia de Almeida Gonçalves e Luís Reznik. Queremos registrar que, assim como toda a organização da exposição (textos, legendas, imagens, mapa conceitual), as questões que iremos perseguir neste texto foram geradas da discussão entre os professores mencionados, pesquisadores da Linha de Pesquisa História de São Gonçalo. O Catálogo pode ser visualizado na íntegra na *home page* "historiadesaogoncalo", da UERJ/FFP.

³ *Idem*, p. 3.

⁴ Não é possível reproduzir as fotos aí mencionadas neste pequeno artigo. Todas elas estão expostas no catálogo *Imagens de São Gonçalo*.

⁵ Norbert Elias. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 41.

⁶ *Imagens de São Gonçalo*, p. 5.

⁷ *Idem*, p. 15.

⁸ Possivelmente, pelas limitações técnicas da época, não seria possível registrar "espontaneamente".

Referências bibliográficas

ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. 165 p.

GONÇALVES, Marcia de Almeida; REZNIK, Luís e FIGUEIREDO, Haydée. Entre moscas e monstros: construindo escalas, refletindo sobre história local. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES DO ENSINO DE HISTÓRIA. IV. 2000, Ijuí, *Anais...* Ed. Unijuf. 2000a. 728 p. p. 544-553.

_____. *Imagens de São Gonçalo*. Fotografia e História. Rio de Janeiro: laboratório de Pesquisa Histórica/FFP: SR-3/UERJ, 2000b. 20 p.

Abstract

We analyze in this essay, some of the pedagogical uses of photography as a means of making the sight a more sensitive weapon in the producing historical knowledge. We also intend to give some thought to the logics of belonging and its role in the process of building identities, while discussing the relationship between imaginings and politics of memory in local history. Our work is a partial product of the research and teaching activities we develop in our *latu sensu* course on the *History of São Gonçalo*, in the Historical Research Project. This project is part of the Department of Humanities, in the Faculdade de Formação de Professores da UERJ.

Keywords: photography; local history; São Gonçalo; teaching of History

Data de entrega: 24/07/02
Data de aprovação: 04/11/02

